

ALMA NOVA



REVISTA
de
PROPAGANDA
do
ALCARVE



Lyster RANCO
FARO 1915

DEZEMBRO — 1915

Anno II

Redacção e administração — Rua da Penha de França, n.º 12-1.º — LISBOA

N.º 43

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO: Typ. J. de Soares & Irmão — 1.º-E, Avenida Almirante Reis, 15-F — Lisboa.

ALMA NOVA

Publicação Mensal

FARO

LISBOA

Propaganda Regional, Turismo, Sciencia e Artes

Edição e gerencia de **João Rico** e **M. Moreno**

Propriedade da Sociedade "AMIGOS DO ALGARVE"

Directores: *A. Bustorff* e *Mateus Martins Moreno*

Corpo Redactorial

EM FARO

Bernardo de Lasso, *José Dias Sancho* (gerente) *Lyster* e *Franco*
Graça Mira (Representante em Coimbra)

Correspondentes em todas as cidades e vilas do paiz

EM LISBOA

Ascensão Mendonça, *Ascensão Contreias*, *João Rico*, *J. Murta*
Maurício Monteiro, *Lavia de Magalhães*,
Rita da Palma e *Samora Barros*,
Luiz Serpa e *Bretts Pereira* -- Serviço de Administração

Colaboradores

Agostinho Junior -- Da Fac. de Sciencias
Dr. Agostinho Lucio -- Medico
D. Ano de Castro Osório -- Escritora
Enribal Lucio d'Azevedo -- Engenheiro
Dr. Antonio Cobreira -- Matematico
Antonio Ferro -- Poeta
A. Simões Botão -- Escritor
Dr. Aloide Oliveira -- Escritor
Dr. Bentes Costel-Franco -- Medico
Dr. Brogo Laixão -- Professor
Dr. Condido Guerreiro -- Poeta
Dr. Coelho de Corvoelho -- Poeta
Dr. Corroscio Guerre -- Escritor
D. Conceição d'Éço de Mello -- Escritora
F. Corvoelho Mourão -- Poeta
Dr. Fidelino de Figueiredo -- Escritor
Dr. Geroldino Brites -- Medico

Somes Leal -- Poeta
Sonçalo d'Clivoes (pseudonimo) -- Escritor
Jocinto Torreiro -- Jornalista
Dr. J. B. Colleça -- Advogado
Dr. João de Deus Ramos -- Pedagogista
J. Ferreiro Netto -- Engenheiro-agronomo
Dr. João Lucio -- Poeta
J. Paulo Nogueiro -- Professor
José Torreiro -- Jornalista
José Rebelo -- Poeta
Dr. Julio Dantas -- Poeta e Dramaturgo
Julião Quintinha -- Jornalista
D. Louro -- Poetisa
Luiz Moscorenhas -- Jornalista
Marcos Algarve -- Poeta
D. Mario Veleto -- Escritora
Mario Lecheco -- Poeta

Pedro de Menezes -- Poeta
Pedro Judice -- Eng.-agronomo
Dr. Rodrigues Dovicim -- Poeta
Socoduro Cobre -- Escritor
Dr. M. Teixeira Gomes -- Ministro em Londres
Thomoz Cobreira -- Ex-Ministro das Finanças
Copitão Vasco de Campos -- Professor de Educ.
Fisica e Desportos

MUZICA

Podua Franco e *Rebello Neves*

ARTE

A. J. Teixeira -- Foto-amador
Selésio Lodinho -- Foto-amador
Falcão Trigo -- Pintor
Soovetro Mochodo -- Pintor, desenhador e caricaturista
Booventuro Lossos -- Amador de desenho

Toda a colaboração é solicitada "por nós,,"

ASSINATURAS (Pagamento adiantado)

Portugal e Colonias.....	Semestre	560		Extrangeiro.....	Ano	7 francos
" " "	Ano	1560		Brazil (moeda fraca).....	"	75000

ANUNCIOS

Pedir tabela de preços

Permanentes, contrato especial

Redacção e Administração

Rua da Penha de França, 12 - 1.º

LISBOA

Composição e Impressão

Typ. José Soares & Irmão -- 15-E. Av. Almirante Reis. 15-F

LISBOA

No proximo número: Colaboração de D. Ana de Castro Osório, Gomes Leal, Julio Dantas, Fidelino de Figueiredo, Dr. Geraldino Brites, Dr. Agostinho Lucio, etc., etc.

Ler tambem Contos de Paris por Sacadura Cabral

Assinar e divulgar a ALMA NOVA é um dever de todo o bom português



PROGRAMMA
Zelar pelos interesses geraes do paiz
e promover a propaganda de todas
as suas regiões, sob o ponto de vista
industrial, comercial e do TURISMO

“Alma Nova” Revista Ilustrada

Comp. e imp. — Avenida Almirante Reis, 15-E, 15-F
José Soares & Irmao

DIRECTORES
A. Bustorff e Mateus Moreno
Dezembro — 1915

A PROPOSITO DO CONGRESSO ALGARVIO

A organização regional e o nosso parlamentarismo

Como manifestação de desvaliosa simpatia e um apagado éeo do vosso Congresso, permiti-me que vos diga hoje o que ele para mim representa.

Como este humilde colaborador da *Alma Nova* ha por este país muitos individuos de boa vontade, mas sem meios de acção, de vista lúcida, mas sem talento, e que desconsoladamente assistem ao estrebuchar de paixões desenecontradas, procurando descobrir no seu tumultuar um norte, desconfiados se serão agitações de resurgimento ou ancias de agonia que as fazem mover. Incontestavel é, para todos, que atravessamos um critico periodo de tristezas, incertezas e desorientação.

O que quere a nação—se ela quere alguma cousa— não o póde o observador imparcial deseobrir, mas o que póde ver é a incompetencia manifestada desde largos anos para lho darem o que ela precisa. Ainda que na verdade ela não manifeste o seu querer, é isso um mal, e preciso se torna despertar nela a vontade, euja abulia é anormal nos individuos como nas eolectividades. O que éla não quére sabem-no todos: não quere teorias, não quere discursos, porque sabe que das teorias lhe tem vindo muito mal e nenhum bem, porque vê que os discursos só teem favorecido, á sua eusta, os que os proferem.

Não se discrimina de entre o palavrório atroador o que a nação deseja porque não falam os seus interesses: falam aspirações pessoais, ambições criadas artificialmente e masearadas com o nome de *interesses politicos*.

Nem hoje nem nunca esses chamados interesses politicos coincidiram com os interesses nacionais, nunca a sua luta correspondeu á luta de interesses que se dá em todas as sociedades. Se querem ter voz,

como ainda ha pouco (para apresentar os ultimos exemplos) nas questões do Douro e das subsistencias, teem de ir de fóra da politiea, as mais das vezes contra a politiea.

E' incontestavel que os partidos politicos e o parlamentarismo tal como tem sido praticado entre nós trouxeram á sociedade portugúesa prejuizos materiais e morais de toda a ordem. Os defeitos do sistema reconheceram-no desde logo os liberaes Garret e Hereulano, e criticou admiravelmente Ramalho Ortigão nas *Farpas* e em *John Bull*,—essa criação artificial que posta á tona da sociedade portugúesa é na verdade uma correcta sobreecasaca burgueza feita para as maneiras de um anglo-saxónio, a qual nós não conseguimos ainda ajustar á nossa medida.

Quem pretende vener os vicios do sistema ou sucumbe e se afasta ou, qual Calisto Eloi, é pervertido por élo. Só ha para o modificar um meio: é criar interesses mais fortes do que esses, que os substituam, que os batam, que os façam calar, e então teremos uma verdadeira «representação nacional», em vez de termos comédias nacionais postas em seena por empregários politicos, e as contendias parlamentarés desenvolver-se-hão em volta dos interesses das regiões em vez de á roda dos interesses dos partidos. Para isto, porém, é preciso criar ou aeordar esses interesses, congrega-los, traze-los á vida e á luta, e apontando-os eontar á nação o apologo de Menénio Agripa, fazendo-lhe ver que prejudicá-los é prejudicar os interesses de todos.

E' este o nobre e importante papel que eu vejo aos congressos regionais.

1915-Setembro

GONÇALO DE OLIVEAS

SCIENCIA

A Carestia da Vida

UMA CONFERENCIA NOTAVEL

E' preciso que os governos enveredem pelo unico caminho que pode conduzir á salvacão do paiz: o fomento á agricultura bem como ao comereio.

O sr. Thomaz Cabreira, illustre financieiro que oeu-pou com grande brilho a pasta das Finanças, foi entrevistado pelo *Seculo* a respeito da influencia dos cambios na carestia da vida e de quaes as medidas a aplicar.

Um país que, para a sua alimentação precisa tanto do estrangeiro como o nosso, está á mercê de circunstancias, umas que influem sempre, outras que são pe- culiars ao nosso estado de cousas e que podem agrava- r indefinidamente uma situação que já não é nada lisongeira. Os cambios, que orçam de 30 a 45 %, influem de um modo implacavel na vida do país e da sua po- pulação. Cita, e muito bem, a chamada efusão do ágio, que se infiltra no preço de todas as cousas. Traz á comparação o que se passa nalguns paizes da Ame- rica latina, onde a depreciação da nota de banco chega a 200 % e mais.

E' por isso que este estado de cousas no nosso país não tem um limite que se possa prever.

Nos países de padrão de ouro, isto é, nos países onde a moeda não é deprecitada, os cambios não po- dem ter senão pequenas oscillações. O pagamento das compras efectuadas noutro país, em geral é feito por letras de cambio. E' mais cómodo enviar uma cambial do que enviar ouro. Tem menos risco. Mas os paí- ses não importam só, exportam tambem, e essas cambias tem o seu mereado, e esse papel é mais ou me- nos procurado segundo os pagamentos que se tem de fazer no sentido inverso.

Ha porem um limite que se não pode exceder: é o custo do transporte e o premio do seguro do proprio ouro. E' o *gold point* dos inglezes, — o ponto do ouro.

Os nossos cambios encerram em si essa pequena oscillação e contem mais a depreciação da nota do Baneo de Portugal que tem curso forçado. São duas parcelas, a segunda das quaes é importantissima. As reservas metalleas do baneo emissor tem uma rela- ção immediata na manutenção ou na depreciação da nota e ha um limite minimo que nunca se deve exceder.

As medidas que tinha proposto para a regularisação dos cambios eram: prohibição da exportação do ouro, monopolisação da venda de cambias ao comereio, feita pelo Banco de Portugal ou outra entidade, e emis- são de um emprestimo de três milhões de libras, desti- nado a reforçar as reservas do banco e a constituir um fundo para saques sobre Londres. Esse empresti- mo não teria outra applicação (não é de mais a obser- vação).

O emprestimo seria pago quando houvesse melho- ria de cambio.

Foi assim que procederam outros países onde a questão cambial não tem a acuidade que tem no nosso.

* *

Estas medidas podem, é certo, melhorar a situação cambial momentaneamente. Ha porem outras circuns- tancias que favorecem os cambios.

Quando um país é rico e bem administrado, quando ha confiança, pode haver de momento um maior dese-

quilíbrio entre a importação e a exportação, que em- bora a sua circulação seja como a nossa, em notas, o cambio pouco se ressent.

Se as nossas exportações fossem superiores ás im- portações é claro que o papel português, sendo mais procurado, tinha mais valor e se equilibrava o cambio.

Qual a então a maneira de se augmentar a exporta- ção e diminuir a importação?

Promover por todas as formas a cultura do trigo e de outros generos alimenticios. Nunca houve verdade mais axiomatica: *ouro é o que ouro vale!* O consumo do pão diminue á medida que ha outros sucedaneos do pão: — as batatas, o milho, etc. O que é preciso é que o agriculor se sinta protegido para dar todo o in- cremento á cultura da terra.

Mas o que é preciso para se conseguir esse deside- ratum?

Em primeiro lugar tranquilidade, a confiança no dia de amanhã. Depois a protecção da pauta e do fisco. O trigo é ouro e o seu preço em relação a uma moeda deprecitada tem de ser elevado como o valor do gado ou de qualquer artigo de alimentação. Para que esse preço não suba muito, tem os governos de tratar do que se liga com a produção. A medida, ha tempos adoptada, do transporte gratuito de adubos nas linhas do Estado, que são as que servem principalmente a região cerealifera, é de rigor. Quanta iniciativa se mo- ve com um pequeno auxilio, que é menos como resul- tado que como manifestação de protecção concedida!

Vigia o governo com acurada solieitude o preço dos artigos de primeira necessidade e de secura o preço dos adubos permitindo verdadeiras expoliações aos agri- cultores. E' dez vêzes mais importante vigiar o preço dos adubos do que vigiar o preço do trigo. Como é que os agriculores podem produzir barato? Os preços do dia de trabalho do operario tem aumentado; o preço das geiras, ou trabalho de lavoura, idem; e o nu- mero de horas de trabalho tem diminuido. Tudo concor- re para o aumento do preço dos generos e o agriculor não pode fazer milagres. Os impostos são sempre cres- centes e, como todo o imposto é causa de miseria, esta toma mil formas e reflecte-se inexoravelmente em mil manifestações.

Como baratear a produção do trigo? Barateando qualquer dos factores da sua produção, vista a difficul- dade de os baratear todos. Ter o fisco em atenção as terras que o produzem, já é qualquer cousa; procurar- se por meios indirectos que a lavoura saia barata, é essencial; e visto que o carvão está cada vez mais caro, de grande vantagem seria que se pudessem gas- tar na agricultura, óleos pesados, kerosina ou petró- leo, sem pagamento de direitos. Em se obtendo a geira a 30 centavos em vez de 90 ou de um escudo, já se pode obter tanto trigo quanto se queira.

Ha hoje aparelhos de explosão que fazem, na lavou- ra, um trabalho admiravel, mas quando comparamos o custo do petróleo na America de um cent. de dolar, com o preço d'este artigo em Portugal, vê-se que este país é condenado a não progredir.

Diferentes industrias que se ligam com a alimenta- ção precisam tambem de força. E' sabido que em di- ferentes pontos do país se está empregando a lenha

de pinho como combustível. A parte não cultivada do país não se vá supôr que é feracissima e que se poderá cultivar, já não dizemos melhor mas pelo menos como a outra parte cultivada. Longe d'isso! a parte importantissima que está por cultivar em Portugal é a peor. Não obstante pode ser empregada com vantagem na arboricultura e especialmente na silvicultura. Importamos madeiras no valor de milhares de contos que escusavamos de importar, e as lenhas que não servissem para construção podiam fazer marchar as industrias em vez do carvão, uma vez que tivéssemos grandes pinhaes.

Por outro lado precisamos animar as exportações, e o que se podia conseguir n'esse sentido é extraordinario.

Só na provincia do Algarve, que ainda assim não é das que menos concorrem para o nunca atingido equilibrio economico, quanto se podia fazer! Alem das conservas, que essas vão aumentando, a amendoeira podia dar á exportação mais 5 ou 6 vezes do que dá, a alfarrobeira podia dar mais 7 vezes sem fazer pezo nos mercados. A cortiça do país podia ter muito maior desenvolvimento, os gados tambem. As passas, os vinhos licorosos, as uvas frescas, os fructos para a produção dos quaes o nosso país é tão apto, tudo podia concorrer para a sua prosperidade. Isto tudo quer dizer que os cambios não poderão ter um curso, baixo artificial, que a confiança não se impõe, mas que os governos se pensassem mais no fomento do país, as cousas não chegavam ao estado actual, mesmo sob a pressão asfixiante da guerra.

Ainda quando os cambios não andem a par, se o país exporta muitos productos, o inconveniente não é grande por que se por um lado se pagam caros os artigos de importação, por outro os de exportação compensam no elevado preço o custo daqueles, e nesse caso a efusão do cambio é menor e a tendencia é para

o equilibrio; e assim produzindo cada pais aquilo para que, pelo seu solo, pelo seu clima, tem mais facilidades, isto é, seguindo-se a lei das especialisações, produz-se mais barato, adquirindo-se de fóra o que é necessario tambem em boas condições. Mas para se aproveitarem bem as trocas de productos com o estrangeiro é indispensavel ter marinha mercante.

Por estas considerações não se quer fazer reviver o sistema mercantil, mas dar-lhe só a importancia que deve ter. Num ano em que tivemos uma grande exportação de vinhos o nosso cambio esteve acima do par. Na Alemanha até se escolhem para exportação os artigos que esgotam menos o solo daquele país. O alcool, o assucar e o amido, são três substancias preferidas. A sua composição é de hidrogenio, oxigenio e carbónio (CHO), corpos estes que nunca faltam na natureza; a exportação daqueles artigos faz-se largamente e quasi toda a sua agricultura progressiva repousa na industrialisação dela pela produção destas substancias. Fica-lhes o azote, os saes de potassa e o acido fosfórico que na produção do alcool, assucar e amido se encontram nas *dreches* ou residuos de fabricação, que servem para a alimentação dos animaes que por sua vez produzem estrumes com que se entretrem a fertilidade da terra. O assunto é complexo mas desenvolve-se todo no mesmo sentido.

O caminho está indicado, não são as medidas de momento, nem os clamores populares pela falta de pão, que podem resolver de um modo mais estavel o assunto, mas é preciso que os governos enveredem pelo unico caminho que pode conduzir á salvação do país: o fomento á agricultura bem como ao commercio.

(Continúa).

J. FERREIRA NETO.
(Eng. Agronomo)

LITERATURA

AS TUAS CARTAS

*Amor, quando recebo carta tua,
Rasgando o envelope apetecido,
Jenho a impressão que te tiro o vestido
E que tu me apareces toda nua.*

ANTONIO FERRO.

As tuas cartas, são pedacinhos de ti
Que a pouco e pouco vaes metendo no correio
E que eu vou recebendo e vou guardando, aqui
Neste cofre de amor: — Meu coração já cheio...

Por elas passa o Espaço, emquanto andam na mão
Daqueles para quem de nada valem, creio.
— Papeis brancos, postais, cartas que vêm, que vão,
Nessa imensa Babel das malas do correio.

Ao receber porê m a carta ha tanto espr'ada
Sinto que és tu que vens! — Aquela carta é tua...
E a tua alma tambem lá dentro vem fechada!...

Abro a carta... sorrio... Tua alma inda fluctua...
Mas não a posso lêr... Lá dentro não traz nada!
.....
Quem sabe se eras tu aquela carta nua?!

TURISMO.

SERÁ pela futura influencia que o turismo venha a exercer na sociedade portugueza que esta se desenvolverá?

Será pela *industrialisação* dos predicados com que a natureza o dotou, que Portugal conseguirá erguer-se ao grau de relativa perfectibilidade a que tem jus?

Será?

Breves interrogações que o nosso espirito formula, rapidas apreciações que ousamos deixar perceber neste momento tão crítico e tão incerto que assoberba a alma humana.

O Turismo, em nossa fragil suposição, será a alavanca prodigiosa que elevará o nosso paiz no conceito mundial; será a divulgação rápida, cólere do nome portuguez, porque o fará respeitado, engrandecido, e propagará as belezas naturaes que exornam o ainda quasi desconhecido *jardim da Europa á beira-mar plantado*.

A propaganda tenaz, esforçada, energica mesmo, que se intende em demonstrar ao estrangeiro que o paiz de tão gloriosas tradições, revestido de tantas e tão enequivocas provas de lealdade e cavalheirismo, é esse *mimo* de encanto e beleza com que a natureza primou em distingui-lo, será tudo de quanto mais patriótico se realise, de mais audaz e alevantado se consiga.

E' preciso levar para a realisação pratica e de efeitos rapidos o que por longos anos tem residido nos volumosos calhamaços arrumados nas bibliotecas ou se tem idealizado em espiritos já hoje bem desiludidos.

Tratar a serio da *cognominada* industria do Turismo será a mais bela obra a realisar.

Aproveitemos, pois, os *dons* com que a natureza nos fadou e teremos ascendido a um grau bem elevado no conjunto mundial. Saibamos corresponder á gentileza da natura, não sejamos ingratos. Proclamemos ao mundo culto que em Portugal ha uma Cintra, esse paraizo de idealisação, amor e misticismo, que os gloriosos vates Camões e Lord Byron tão dignamente cantaram!

Mostremos ao estrangeiro, sempre avido de beleza, de conforto e sensação, este formoso torrão que poderá ser moral e materialmente aproveitado no sentido de reverter para a sua economia um melhor e mais desafogado exercicio.

Saibamos desenrolar perante ele, essa faixa bela e encantadora que se intitula *o nosso litoral* e que, desde Caminha a Vila Real de Santo Antonio contem tanto de puro, de grandioso e poetico, que, nas bifurcações graciosas e magestáticas das suas verdejantes costas, é auxiliada

ainda pelas aguas aniladas e inegalaveis do belo e imponente oceano Atlantico.

E no seu vistoso panorama, quando no decorrer vago de mareante, quantas dunas enormes e refulgentes nos extasiam a vista; quantas barras de fauces escancarados nos empolgam a admiração com o seu constante desaguar de numerosos rios; quantas praias que cuidadas com esmero, aceio e comodidade e elevadas a um verdadeiro grau de mundanismo e conforto, seriam dignas rivaes de Biarritz e San Sebastian! Depois, a engrinaldar todo este aspecto deslumbrante duma terra bem favorecida pelo destino, a apresentação magnifica dos nossos tipos regionaes a revelarem toda a alma pura e grandiosa dum povo tantas vezes heroico!

E as nossas matas, de onde emerge a do Bussaco, as nossas serras bem cuidadas, zelosamente arborisadas, impregnados desse ar puro e reconfortavel que faz aspirar saude a largos austos,—tudo emfim que fosse necessario estabelecer para chamar a Portugal avalanches de *touristes* que certamente entre nós se sentiriam á vontade e que sem usura deixariam o dinheiro, meio mais que precioso para o desenvolvimento da vida nacional.

Estradas amplas e bem construidas, nma larga e embelesada rede ferro-viaria, que communicasse entre si com todos os centros de comercio e industria, de vida activa e laboriosa dum povo, enfim, meios facéis e rapidos de comunicação.

Dotar depois esses centros de toda a comodidade e luxo exigidos: caprichosos hotéis, atraentes cafés, convidativos restaurants, acrescentado com meios bastantes de diversão, de goso, como teatros, circos, animatografos e jogos desportivos; e o *tourist* percorreria o territorio lusitano sem se sentir fatigado, sem revelar o menor gesto de enfado, sem se julgar arrependido de ter intentado semelhante digressão. Ele então veria tudo quanto um povo tinha realiado no sentido de fazer realçar ainda mais o que a natureza lhe concedeu. Havia de admirar as ótimas qualidades duma raça proba, sensata e empreendedora, que na divulgação do nome glorioso da sua patria só obedecia a duas cousas: mnita lisura e bastante honestidade.

Como seria para nós grato, que esta visão, este sonho que nos exulta fosse a realidade incontestavel dos factos, a pureza absoluta e irrefragavel do que almejamos!

Cezimbra, Setembro de 1915.

EPIFANIO MACEDO SARAIVA.

LETRAS E ARTES



(Desenho de *J. Condeça*)

Mendigos

a D. Alice Moderno

Mendigos a pedir, de casa em casa, orando,
Os lábios a rezar e a mão sempre estendida:
—Ha gente, muita gente (o que é a triste vida!)
Que nunca se condece quando vos vê chorando!

Que importa a nossa dôr, que anda a chorar perdida,
Aos que passam a rir, ao pé de nós, cantando?
A nossa eterna dôr—destino miserando!
Ha de ser pelo mundo a eterna incompreendida!

Na vossa enganadora e santa ingenuidade,
Que somente pertence ao triste, ao infeliz,
Julgaes, ó almas sãs, que essa gente é feliz...

—Pois não sabeis ainda a oculta anciedade
Dos que passam a rir e sem saber chorar,
Sem conhecer a dôr, sem a poder amar!

(Do livro--*Canções do Amor e da Terra*)

A sair do prelo

José Rebelo.

A janela de Joaquina

Men Val' de Santarem todo florido
de rouxinoes cantando entre verduras,
(cantos são flores para o nosso ouvido...)

Meu val' de fontes d'oiro, onde murmuras,
cheiroso á malvarosa dos valados,
teus prantos de cristal e canções puras;

D'aqui evóco os teus divinos prados,
verdes como esses olhos de Joaquina,
que os olhos deixou neles encantados...

D'aqui, de longe, eu sonho a janelinha
onde ela ia scismar, sem um enidado,
ouvindo os rouxinoes pela tardinha...

... Aqueles rouxinoes que tão lembrado
fazem o rouxinol de Bernardim,
o que caiu sobre a ágna, de cançado!

E neste enlevo d'alma, eu sinto em mim
não sei que suavíssima doçura,
lembrando-a ali sentada, e linda assim...

Linda assim, longe d'essa desventura
que a fez, tempo depois, morrer de amor,
e enchen seu verde olhar de noite escura...

D'aqui me ponho a ver-te, ó val' em flor,
(doirado da saudade d'esse olhar...)
por um sol-posto triste e sonhador!

Teus rouxinoes deixaram de eantar...
Carpem agora nesse sitio amado
onde Joaquina já não vem scismar!

Mas, ó misterio lindo do passado!
A' janelinha antiga, que esmaeece,
de novo assoma em flor seu vulto alado...

E' Ela, a doce Morta, que aparece
(milagre da Saudade!) e ali pousando,
revive aquele Amor que nunca esquece...

(Amor tão virginal, e etéreo, e braudo,
que se era d'esta vida ingrata e breve,
já no seu vôo o Ceo ia buscando!)

Seu cabelo castanho, ondeando leve,
cae-lhe em anéis de luz, de astral efeito,
pela fronte, que sustem na mão de neve...

E, visão, Ela seisma! Arfa-lhe o peito...
E como outr'ora, os rouxinoes já cantam
neste sol-posto dúlcido e perfeito!

E os cravos reflorescem, e o ar encantam...
De nova luz as rminas se animaram,
— flores que d'um sepúltero se levantam!

E o seu nome, que os écos murmuráram
em ais, (enquanto em pranto o não diziam...)
cantam-no os écos, como então cantaram...

Repetem-no eles, como repetiam...
Em tudo a Morta vive no Presente,
como quando os seus sonhos floreciam!

Anda impregnado o val' da linda Ausente,
como de aronia, a rosa verginal,
e de tristeza e gloria, o sol-poente...

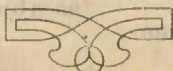
Ah! tudo a vive e souha neste val',—
belo assim mais que quantos o sol doura
nesta terra de amor que é Portugal!

E a janelinha triste que Ela enflora?
Clarão erepuncular de morta estrela,
éco d'um beijo, sombra d'uma aurora:

Vêdes, amigos meus, essa janelá
que o musgo abraça e um sonho illumina?
Erma, e tão cheia d'essa imagem bela,
é como o coração de quem amou...

(Inédito)

Bernardo de Passos.



CRONICA

Fez ha dias dôze anos que amigos dedicados do Eça de Queiroz resolveram prestar-lhe um testemunho ultimo da sua admiração, resuscitando, ali no Largo do Quintela, em bem tallhado marmore, a figura imortal do grande realista.

Em breve fará anos que se delinêam projectos e abrem subscrições para a erecção de uma estatua a Camilo, de uma estatua a João de Dens, e não sabemos a quem mais...

*

A maior perda literaria dos ultimos tempos foi, sem duvida, Ramalho Ortigão.

Quem folhear com interesse o *Culto da Arte em Portugal*, *O Misterio da Estrada de Cintra*, *A Hollanda*, *John Bull* e *As Farpas*, terá uma expressão bem significativa para repelir com enjôo a exteriorisação de certos criticos...

Julio Dantas, que é inegavelmente uma das maiores figuras da literatura moderna, encontra em Ramalho Ortigão «o homem que com Eça, Camilo e Fialho, mais contribuiu para renovar, para desarticular, para ductilisar a prosa portugueza, arejando a, creandolhe ritmos novos, dando a linguagem ainda pesada, ainda lenta de Garrett, fluidez, transparencia, movimento, energia e graça». E aponta-o como o escritor que melhor soube manter, em Portugal, a coragem do seu tipo, a coragem da sua individualidade, a coragem da sua independencia, a coragem das suas opiniões.

E' talvez por isso que lhe abocanham a obra...

Como aditamento a esta nota é mister registrar mais duas perdas importantissimas: — José Pereira de Sampaio (Bruno), do Porto, e Ataíde Oliveira, benemérito Algarvio.

Como Ramalho, sem ofensa a alguns colegas sobreviventes... mas tambem sem confusões, eram dois dignos membros da *Academia das Sciencias*.

*

Em Portugal vive-se de muita coisa. De fazer sapatos e de rabiscar leis. Mas como a erudição legistica de certos guindados não nasce logo aclimatada á esfera das nossas exigencias, succede que o remedio, a maioria das vezes, vem peorar o dente...

*

Na Universidade de Lisboa solénison-se este ano, com verdadeira pompa, a abertura das aulas...

Foi nma maneira decente de festejar a *mortandade* do ano findo...

*

Dizem que a civilisação é incompativel com o recinto interior dos muros de um quartel...

Não discutimos. Onde, porém, a autoridade se exercer apenas sob o dominio da graduação, assim deverá ser sempre.

*

Ha autoridades que devemos explorar para ver até que ponto chegam as suas *fosforencias*...

Geralmente á compreensão da sua incompetencia moral.

*

A quantos afirmam não ver concretisações que recomendem a iniciativa do Congresso Regional do Algarve, permitimo-nos considerá-los *míopes* espectadores...

Então a recente congregação municipalista do Alemtejo, e todo esse acordar de iniciativas que fazem já o entusiasmo da nossa revivescencia não obdecem a qualquer acção?

Ufane-se o Algarve de ter iniciado a nova era e cuidemos todos da efectivação do que na Rocha se propoz, que já não será pouco.

*

José Dias Sancho é um novo que até alguns velhos já admiram... se bem que isto de cair na graça dos velhos nem sempre revele grandes promessas... Comtudo o moço promete. Agora vae publicar um livrinho de versos em que de certo se assinalará.

E eis como aos 17 anos se póde já aspirar a que a Literatura fale um dia de nós.

*

A. Bnstoff, um novo de muito talento e já bastante consagração nas letras do paiz, entra hoje para a direcção da *Alma Nova* com todo o entusiasmo e vontade de trabalhar em pró da execução do nosso programa.

Rejubila-nos tão franca annencia a um convite despretenciosa e perguntamo-nos:

Que significará semelhante conquista, nestes tempos em que ser patriota, mostrar zelo pelas vantagens materiaes de que país precisa é sinónimo tão irreverente quanto pouco estimulativa?

Significa que ha ainda creaturas tão acima da craveira dos imbecis, tão conscientes do seu papel na sociedade, que nem prestam ouvidos ás abjecções dos que andam cá por baixo...

MATEUS MORENO.

Poetas e escritores na intimidade

Eça de Queiroz revelado por uma ilustre senhora de sua familia



Brève, muito brevemente mesmo, no próximo numero da *Alma Nova*, honraremos estas colunas com a colaboração da Ex.^{ma} Senhora D. Conceição d'Eça de Mélo, íntima amiga do grande realista, espirito lucidissimo e escritora de largos dótes que a critica já assinalou.

Na carta em que acede ás instancias por nós feitas revela-se a sua grande alma e o seu superior talento. Lê-la, percorreremos as poucas mas elegantes linhas dessa descuidada prósa,

é convencêrmo-nos de que as paginas familiares do que é uma das maiores figuras da literatura nacional tem, finalmente, quem as descreva com propriedade.

Felicitando por isso todos os leitores da *Alma Nova*, todos os eruditos, todos os simples estudiosos, não resistimos á tentação de publicar aqui essa expressiva carta, reunindo-a aos nossos mais sincêros e mais calorosos agradecimentos:

Meu caro Sr. Bustorff

Deu-me prazer a sua carta. Sinto-o sempre quando recebo noticias das pessoas por quem tenho estima. Tudo quanto me diz do Eça de Queiroz me foi direito ao coração e é com enternecida simpatia que lho agradeço.

Primos co-irmãos, criados quasi juntos, votava uma sincera amizade áquele formoso espirito aliado a um tão grande coração.

Se me pedisse um artigo de critica literaria á sua obra, hesitaria em tomar um encargo de tanta responsabilidade, e lembrar-lhe-ia que, qualquer de V. Ex.^{as} o faria com bem maior proficiencia, mas do Eça de Queiroz íntimo e affectivo, do romancista na sua vida de familia, dêsse, ousou falar desassombadamente, porque poucos serão os que tão bem o conhecessem, e raros, muito raros, os que tanto do coração lhe quizessem.

Aceito, pois, e com reconhecimento, para colaborar na revista Alma Nova.

Creia-me sempre etc.

C. D'EÇA DE MELLO.

ATRAVEZ DO ALGARVE



Da esquerda para a direita: Dr. Carrasco Guerra, vogal do Cong. Reg. Algarvio e esforçado organisador das festas do mesmo, na Praia da Rocha; engenheiro Aboim Inglez, vogal do Cong. e relator da Tese «O Ensino Industrial»; o formoso «Pavilhão Mourisco» do Sr. Magalhães Barros; Dr. Antonio Cabreira, dedicado Congressista e ilustre membro da Com. Organ. do Cong.; Luiz Mascarenhas, director d'«O Algarve» e relator da tese «Industrias do Algarve» (Vidé proximo numero).

O CONGRESSO REGIONAL ALGARVIO

Não tem faltado quem, de tudo descrente, haja dito e escrito que o Congresso Regional do Algarve redundou inutil nos seus efeitos. A verdade é que esse tentamen, balbuciente em-

mais ou menos estreitamente se sentem ligados por accidentes variaveis da vida. Todo o homem culto a quem foi dado assistir a esse Congresso teve a clara compreensão de que não podia re-



FARO = A formosa capital algarvia, onde se realizará o futuro Congresso de 1918
(Cliché da importante «Casa de Lóstaes «Eduardo Serafim», Faro)

bora, como tudo que representa um inicio, logrou impressionar agradavelmente não só a alma algarvia, mas ainda muitos portugueses que, nascidos fora do Algarve, a esta provincia

sultar estéril esforço envidado pelos promotores daquela magna e selecta assembléa.

Problemas económicos que essencialmente interessam á vida colectiva do povo algarvio

lá foram postos em nitida equação e debatidos por quem para os analisar e resolver tinha perfeita competência. A agricultura, a industria, o commercio, a navegação, os transportes terrestres e marítimos, a higiene, a beneficencia, a historia, a arte, as lendas e as tradições do *folk-lore* do Algarve — tudo ali teve o seu eco e, conquanto tratados em resumidas theses, todas essas variadas questões prenderam o espirito da numerosa assistencia que em cinco dias successivos assidua e zelosamente discutiu esses momentosos assumptos, que são na essencia as manifestações da actividade material e animica de um povo que, apesar de quasi desprezado pelos poderes centraes da nação, todavia, ou por uso mesmo, atravez da



Avenida das Palmeiras — Jardim da Alameda — FARO — (Cliché de M. M. M.)



Monumento a Ferreira d'Almeida — FARO
(Cliché de Francisco S. Padinha)

historia tem sabido manter intacta a sua irreductivel e caracteristica individualidade.

Ao Algarve, tão desconhecido ainda da maioria das portuguezes, fica pertencendo esta gloria de haver sido a provincia que se abalançou a emprender e levar a cabo o primeiro Con-

gresso Regional até hoje realizado em Portugal.

Está dado o exemplo: em breve outras regiões, não menos caracteristicamente individualizadas, saberão tambem formular concretamente os problemas economicos que mais de perto lhes dizem respeito e, uma vez discutidos e resolvidos em conclusões claras e de immediata applicação, restará apenas submeter estas ultimas á consideração de quem as possa converter em realidade, quer por meio de leis a promulgar, quer por meio de operações praticas a executar.

Se, umas após outras, as diversas regiões do país se abalaçarem assim a estudar a sua economia, procurando melhora-la na medida consentania com as possibilidades, de esperar é que, num futuro não remoto, a civilisação de Portugal terá progredido tanto, que a nossa alma épica, inatamente patriótica, sentirá então com toda a intensidade o nobre orgulho de ser portugueza, e, alcançando esse *desideratum*, a nação saberá ser grata áquela das suas provincias que teve a intelligente iniciativa de abrir o caminho por onde se logrou chegar a tão glorioso termo. E' legitima essa aspiração; o contrario seria descer dos destinos e perfectibilidade da nossa raça.

J. PAULA NOGUEIRA.

(Professor da Escola Veterinaria de Lisboa)

O 1.º DE DEZEMBRO DE 1640 E A ACADEMIA DE FARO

HA uma tão íntima ligação entre a Academia de Faro e a data por tantos títulos histórica da libertação de Portugal de sob o jugo castelhano, uma série de princípios tão superiormente evocadores de seus passados bríos, que seria ela faltar a um dos mais angustos deveres o consentir que passasse o dia 1.º de Dezembro sem repetir com o mesmo entusiasmo de todos os anos as vibrações alevantados dos seus corações patrióticos.



José Dias Sancho
(Presidente da Academia do Liceu
Central João de Deus — Faro)

Comemoração tornada habito, habito convertido em dever, essa festa, a comemoração dessa *Obra estupenda e maravilhosa*, como lhe chamou Fr. Fortunato de S. Boaventura, faz parte tão integrante da Aca-

demico Farense o dia 1.º de Dezembro. As ruas da cidade acordam ao som dos foguetes e hinos patrióticos; os estudantes, cabeleiras revoltas, teem acentos marciais na voz aclamadora; todas as cabeças agitam as suas melenas aos écos do entusiasmo; as capas erguem-se — e no estonvinhamento joven das aclamações sinceras, novos e velhos, madamas e donzelas, sentindo-se rejuvenescer e amar, derramam dos seus luzentes balcões, onde os damascos e as sedas brilham

festivamente, cascatas de flores sobre as mãos jovens que se esgarçam com luvas estreadas...

E isto é já um mito, um simbolo, uma obrigação...



LICEU CENTRAL JOÃO DE DEUS — FARO

demia de Faro que o deixar de realiza-la um dia seria extinguir o ultimo faolhe de altivez que ainda a liga aos seus bríos passados e de tão nobres recordações.

E é, sem duvida, um dos dias mais queridos e mais simpáticos de todo o anno aca-

A mocidade de Faro, não esquecendo este dia glorioso, cumpre o seu dever, honra as suas brilhantes tradições e proclama a sua indelével fé patriótica.

Viva a Academia Farense!

Gloria aos heroes de 1640!

FOLK-LORE ALGARVIO

I

A CIDADIA ENCANTADA DE SILVES



Portugal—ALGARVE—Ribeira de Paderne (Moinho das Canas)

(Cliché de M. Teixeira)

Como eu sonho o Algarve

A Bernardo de Passos

Vejo-te em sonho, Algarve! e nunca vi
Tua paisagem de volúpia e alma!
Oigo-te em sonho a voz antiga e calma,
A tua voz que embala e eu nunca ouvi!

Florin meu velho sangue em terra tua:
Terra que o ceu mais lindo beija e a oiro,
Terra onde o mar — poeta imorredoiro —
Em murmurios de lenda se insinúa.

Algarve perfumado de amendoeiras,
A tua luz, o teu aroma e côr
Palpitam no meu 'spírito de amor!

Mas possa um dia, em horas prazentciras,
O meu ancioso olhar beijar e vêr
A luz que no meu verso ha-de morrer . . .

MARIO PACHECO.

FOLK-LORE ALGARVIO

I

A MOURA ENCANTADA DE SILVES

Vamos escrever a lenda da moura encantada da cidade de Silves, dessa famosa cidade que no tempo em que taes lendas começaram a correr era opulentissima, muito mais forte e dez vezes mais rica e com edificios mais sumptuosos do que Lisboa.

Querem alguns geógrafos que Silves fosse fundada pelos Finícios, antes da vinda dos Cartaginezes á nossa península; sendo assim foi Silves fundada 900 anos antes de Cristo. Outros escrevem fosse fundada pelos *Curetes*; porém Fr. Vicente Salgado nas suas *Memorias do Reino do Algarve* sustentou que os *Curetes* nunca vieram ao Algarve e que os fundadores de Silves tinham sido os *Finícios*.

Quando os cruzadas vieram auxiliar D. Sancho I na conquista da cidade de Silves era esta cidade a mais forte da península e a que maior dano causava aos soldados cristãos. Pela importancia dos seus centros, chegou Silves agosar de um conceito tão subido que para qualquer cavalleiro conseguir a entrada numa sala publica, escola ou reunião importante, bastava declinar o seu nome e dizer-se natural de Silves.

Com a conquista do Algarve no tempo de D. Afonso III começaram a correr na nossa encantadora provincia as lendas de mouras encantadas. E' que a conquista constituiu uma lenda admiravel e brilhante. Foi pasmosa a celeridade com que o nosso soldado realizou essa conquista. A' maneira das grandes correntes que descem em catadupas das altas montanhas e se precipitam no fundo dos barrancos, derrubando e destruindo os mais fortes diques e os mais poderosos castelos, obrigando os sarracenos a largar num momento a sua posse de cinco seculos inteiros, assim em um momento foram como que aniquilados os mouros e substituidos pelos descendentes dos godos.

Sendo impossivel que esse desaparecimento se fizesse efectivamente em tão curto praso, somos forçados a crer que a maior parte se viu obrigada a esconder-se nas cavernas, onde então mais se vivia de noite do que de dia. Casamentos houve que se pactuavam ou se anulavam nas cavernas. Por isso nos nossos *contos* não poucas vezes se figuravam vozes de crianças e choros de jovens nos desertos, alta noite, causando susto aos que de noite viajavam. Daqui resultaram os chamados encantamentos de que rezam todas as nossas lendas algarvias.

Escreveu um algarvio: «a crença nas mouras encantadas data principalmente do século XIII, logo depois da conquista do Algarve; e as lendas das mouras encantadas trazem d'ahi a sua origem. Até esse tempo sómente figurava no espirito do nosso povo alguma lenda maravilhosa das célebres fadas.»

As noites de S. João no Algarve simbolisam uma verdadeira religião tradicional, cuja crença se conservad e séculos. Convenço-me de que de longa data tem sido festejadas a noite de S. João. Os mouros igualmente a festejavam, e é por isso que a maior parte das lendas tem nessa noite o seu desenlace.

Na cidade de Silves, á hora fatidica da meia noite — escreve o auctor do *Romanceiro do Algarve* — é crença popular, transmitida de séculos, que um gentil moura atravessa em seu barco de marfim e ébano as águas da cisterna, assim como á mesma hora, no antigo castelo de Tavira, outra musulmana aparece sobre o terraço superior do castelo, vestida de alvas roncagens, magestosa e bela como a alvorada desse dia. A infeliz moura de Silves, á claridade da luz, coada pela boca da cisterna, entôa cantares de uma atracnte singeleza ao som dos remos de prata a chapejar sobre as ágoas de cristal.

A cisterna de que a lenda nos fala é muito funda e está construida com solidez e primor. A sua abobada, no dizer de um benemerito algarvio, está sustentada por quatro ordens de colunas que formam ontros tantos arcos, compreendendo cinco naves. Recebe a ágoa que cae no ambito da abobada pela parte exterior, e em tal abundancia que ali se conserva todo o verão.

Que estrofes de bela poesia não entoará no fundo da cisterna a bela e infeliz moura! Que segredos de antigos amores não balbuciarão os seus labios empalidecidos!...

De Silves reza a «Biblioteca Hespanica» verdadeiras maravilhas. Insignes poetas mouros dedilharam ao som do seu arrabil versos de uma bellissima inspiração. Poetaram em Silves, e á maravilha, os insignes Abdel malekus Ben-Abdallah, Ahmar Ben Casa, Abn-Baken Ben-Sokane e Abdul-nalid Ismael. Qual destes seria o preferido da moura gentil?!... Conserva-se ali ainda hoje a linda moura, não obstante a camara ter tomado conta dos antigos aposentos da infeliz; e, segundo nos informam, ainda hoje

quem quizer passar por entendido em assuntos de bruxedo tem de visitar três vezes por ano a moura na sua cisterna.

*
*
*

Entrou em certo dia em casa do carcereiro de Silves uma mulher que perguntou pelo carcereiro.

— Não está em casa, mas está o filho que faz as suas vezes, — respondeu alguém.

— Desejava estar com o filho.

— Olhe; ele ali vem.

A mulher encaminhou-se para o filho e pediu-lhe que a acompanhasse até á cisterna.

— Não vou, respondeu secamente.

— Tens medo?

— Nunca tive medo; mas não gosto de me meter em negocios de mulheres. Quando, de noite, encontro dois homens, são-lhes á frente e digo: — «Deus vos salve, camaradas». Se, porém, encontro uma mulher, desvio-me dela sorrateiramente e digo comigo: — «A onde irá esta barçaça alijar o costado?». E desta mulher não fico fazendo bom juizo.

A mulher não gostou desta resposta, mas saiu imediatamente, sem fazer a mais insignificante observação.

Antigamente as lendas achavam-se mais desenvolvidas e contavam em si maior numero de incidentes, que não tem resistido ao tempo.

Diz-se que por ocasião da segunda conquista de Silves, no tempo de D. Paio Peres Corrêa, não podendo Ibn-Maffot ou Aben-Afan, entrar na cidade, dera de esporas em seu cavallo, indo ambos morrer afogados no *Pego do Pulo*. O nosso Garrett utilisou esta lenda para o seu notavel poema *D. Branca*, belo poema na verdade, mas falso, pois que o rei não morreu afogado, como está hoje solidamente demonstrado. Ibn-Maffot, que se diz ter morrido afogado no Pego, figura ainda muito depois como rei de Niebla e de Gharb, e é ele que faz cedencia do Algarve a D. Afonso X depois da rendição de Niebla, muito posterior á tal lenda, ficando este rei contado entre o numero dos ricos-homens da monarquia castellhana.

Havia lendas em muitos sitios da freguezia de Silves hoje completamente esquecidas ou apagadas.

(Continúa).

Posthumo

ATAÍDE OLIVEIRA.

(Da Academia de Sciencias.)

BIBLIOGRAFIA

Noções de Processo Penal, acompanha- dos de um formulario e legislação penal, pelo dr. João Pedro de Sousa, advogado e deputado da nação.

Este distincto politico e parlamentar português, acaba de demonstrar a intelligencia e erudição que o ornou publicando o trabalho cujo titulo principia esta noticia.

Indispensavel a todos os que mais ou menos intensamente tem relações com o fóro, o livro recomenda-se pela superioridade de iudicações e conhecimentos que fornece ao longo da sua leitura e pela auctoridade do nome que o assina.

Todos os capitulos referentes ao Processo Penal encontram nele completa discussão e inteiro estudo numa linguagem corrente, simples e facilmente assimilavel.

Felicítamos, pois, por tudo isto, o seu auctor, agradecendo-lhe o exemplar oferecido.

Qualquer encomenda deve ser dirigida ao proprio, Avenida Almirante Reis, 92, 1.º D., e o custo é de 1 escudo.

“O Herald”

Reappareceu tambem este colega de Faro, muito melhorado e sob a direcção exclusiva do nosso presado camarada de redacção, Lyster Franco, artista na pena e no lapis, dos mais distintos que tem o Algarve.

Outras publicações recebidas

Do sr. A. C. Santos, de Lagos, uma bonita coleção de postaes, com vistas da localidade.

Do «Jornal Illustrado» — Lisboa, os n.ºs de 1 a 3.

Do sr. Manuel Ferreira David, um folheto de versos com o titulo *Trevo de quatro folhas*.

A todos muitos agradecimentos.

*

Das restantes obras recebidas se fará a apreciação no proximo numero.

Do Congresso Regional Algarvio

A Comissão Executiva deste Congresso, em conformidade com o exarado no seu Regulamento e com o voto expresso na cessão de encerramento, continúa em exercicio, reunindo-se de 15 em 15 dias (ás 6.ªs feiras), na *Sociedade Propaganda de Portugal*, procurando agora, juntamente com esta benemerita instituição, pôr m prática as resoluções tomadas no Congresso referido, devendo dar conta dos seus trabalhos no futuro Congresso de 1918, a realizar em Faro.

NOTAS

“No Minho e no Algarve”

Com este titulo dedica-nos a interessante revista *A Povoação de Varzim*, publicação genuinamente patriótica e de intensa propaganda ás belezas da praia do mesmo nome, alguns reparos a que não podemos deixar de fazer justiça, empenhados como estamos no estreitamento das nossas relações com todos os cantinhos da terra portugueza, e condoidos tambem pelo menos apreço de muitos para com os nossos esforços. Nunca, porém, na apologia do nosso muito patriotismo tentámos ser menos correctos para com o sr. A. Landolt, dignissimo director de tão apreciado colega, nem para com o Minho, região de tantos encantos e de tão formosas tradições que será bem degenerado portuguez o que a não souber amar.

Mas parecendo, contudo, não ser a *Alma Nova* «revista unica no género em Portugal», actualmente premitimo-nos a liberdade de affirmar-lo, e oxalá que para gloria do nosso patriotismo e bem da patria ela possa continuar a sê-lo, nunca esquecendo, certamente, aquela ca-

maradagem digna que entre propugnadores do mesmo ideal é sempre mistér.

“Alma Algarvia”

Transformado em uma interessante revista politica, literaria, artistica e de inquérito á vida do Algarve, reapareceu este nosso presado colega de Silves, a que uma orientação digna de todos os ilogios e incitamentos tem assinalada já a mais ampla e proveitosa existencia.

O ultimo numero publica o retrato do nosso director Mateus Moreno e dedica-lhe palavras que não podemos deixar de agradecer com profundo reconhecimento.

Ataide de Oliveira

Já composta toda a revista recebemos de Loulé a triste noticia da morte deste nosso querido colaborador e benemerito algarvio.

Por nos ser, pois, impossivel sintetisar já neste numero todas as palavras de saudade que os nossos corações de amigos e de grandes admiradores lhe devem, reservamos para o proximo essa missão, esperando então prestarmos-lhe a homenagem de que é digno o homem e o escritor.

A' enlutada familia o nosso cartão de pezamos.

PELOS TEATROS

No proximo numero iniciaremos esta secção, que vaé ser confiada a um dos mais reputados criticos teatraes da actualidade.

Para Sua Ex.^a, a *Alma Nova*, pondo as suas columnas á disposição das emprezas, aguarda destas aquela deferencia e franca gentileza com que sempre tem sabido acolher a imprensa.

Actualmente encontram-se em scena as seguintes peças:

Nacional — *D. Perpetua que Deus haja*, comédia de Chagas Roquete.

Trindade — *O dia de juizo*, revista de Scwalbach, peça que adquiriu grande celebridade e que passa por ser um dos mais notaveis trabalhos de revista do distinto escritor.

Politiana — *A Martyr*, drama de D'Ennery e Tarbó, de um entrecto muito comovente.

Eden — *Dominó*, revista dos mesmos autores d'*O 31* e um dos maiores sucessos da época de inverno.

Ginasio — *Sóror Mariana*, soberbo acto de

Julio Dantas, e *La donna é mobile*, interessante comédia americana. Em ensaios *O primo Basilio*, adaptação do romance de Eça de Queiroz.

Apolo — Revista *Indo e Marive*.

Rua dos Condes — Revista *Quadros Vivos*.

Moderno — *O Collar da Princeza*.

Coliseu dos Recreios — Companhia de circo.

Cines, Concertos e Variedades

Paradis — Films e Variedades;

Chiado Terrasse — Cine-Concerto;

Olimpia — Matinéés, lindas fitas e concerto.

Trindade — Matinéés aos domingos, cine-concerto.

Foz — Variedades e bons films.

Central — Films deslumbrantes e concerto.

Chantecler — Fitas faladas.

Circo de Faro — O mais esplendido cinema do Algarve. Lindas fitas e belo sexteto.

IMPORTANTE

A todas as pessoas a quem hoje pela primeira vez enviarmos a ALMA NOVA, rogamos a gentileza de no-la devolver no prazo de 10 dias, caso não queiram auxiliar o nosso empreendimento com a sua assinatura.

Vamos remeter os recibos de cobrança aos antigos assinantes.

LIVRARIA DAS NOVIDADES

DE
Antonio dos Santos Capela

Rua da Marinha, 15 — FARO

Livraria, Papelaria, Loterias, Tabacos Nacionais e Estrangeiros

Neste estabelecimento vendem-se e compram-se todos os livros para escolas e liceus, romances e obras scientificas. Recebem-se diariamente todas as novidades literarias, jornaes de modas, figurinos e publicações

Grande sortimento em bilhetes postaes

Assinaturas permanentes de todos os romances e mais obras. Descontos aos revendedores e estudantes. Encadernações a preços resumidos

Agente das principaes casas de Lisboa
Depositario da ALAMA NOVA

LIVRARIA

ASSIS & PEREIRA

48, R. I.º de Dezembro, 48 — FARO

Agente das principaes casas editoras de todo o mundo

Livraria, Papelaria, Musicas, Loterias, Tabacos Nacionais e Estrangeiros

Neste estabelecimento vendem-se e compram-se todos os livros para escolas e liceus, romances e obras scientificas. Recebem-se diariamente todas as novidades literarias, jornaes de modas, figurinos e publicações

Grande sortimento em bilhetes postaes

Assinaturas permanentes de todos os romances e mais obras. Descontos aos revendedores e estudantes. Encadernações a preços resumidos



SEMENTES

Hortalicas, flores, arvoredos, cereais, pastos, etc.

Pedidos de catalogos a

Alfredo Carneiro de Vasconcelos & Filhos

105, Rua de S. João, 111
PORTO

Infalivel, Infalivel

Cura da anenia, chlorose, flores brancas, falta de forcas e appetite, perdas de sangue, menstruação difficil ou supressão completa

Gotas Ferruginosas Strychna-Arsenicæes

Marca registada n.º 16:902

Preparação quimico-farmaceutica de Adolpho Paixão
Diplomado pela Universidade de Coimbra

Deposito geral — FARMACIA LEITÃO — Entre-os-Rios

Deposito em Penafiel — Farmacia da Misericordia

PREÇO \$61 CENT.

FABRICA DE POLVORA DE MANUEL DA CRUZ COSTA S. Braz d'Alportel

Polvora de todas as qualidade, para pedreiras, agricultura e minas. em competenaic em qualidades e preços com todas as fabricas do paiz.

Tambem fornece foguetes e fogos de artifício á moda do minho e outros

Em instalação, deposito de dynamite



MARCA REGISTRADA

FABRICA INDUSTRIAL I.º DE MAIO

Serrelharia Mecanica e Civil. Fundição de Ferro e bronze

— DE —
Manuel Carvalho

Rua Infante D. Henrique, 186 — FARO — Construção de poços Artesianos - Vendem-se materiaes para os mesmos

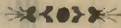
Esta casa, que é no genero a primeira da provincia do Algarve, encarrega-se de todos os trabalhos mecanicos e civis. Constroem-se engenhos de noras de todas as qualidades, com a maior ligeireza, solidez e perfeição. Fazem-se charruas de todos os tamanhos, maquinas de debulhar milho, colunas, tubaria e todos os utensilios agricolas. Ninguem deixe de comprar nesta casa, visto que em parte alguma do paiz se fabricam e vendem este generos em melhores condições,

Preços sem competencia — Ninguem compre sem primeiro visitar esta importante fabrica

ANTONIO JUDICE MAGALHÃES BARROS

INDUSTRIAL E NEGOCIANTE

Exportador de todos os productos do Algarve



MEXILHOEIRA DA CARREGAÇÃO
(no rio de Portimão)

PORTUGAL

Endereço telegraph'co: JUDIBARROS-PORTIMÃO

Fabrica de Conserva de Peixe

Preparação esmeradissima



GUANO DE PEIXE, AZEITE DE PEIXE, ETC.

Figos secos, em coizas, lios, cabazes,
cestas cingelas e lindamente bordadas, caixas, latas brancas e artistica-
mente axaroadas, em todos os tamanhos e figos recheados
com amendoa, etc. Figo para distilar



Vinho fino licoroso de 1880, superior ao do Porto

Vinho de pasto e branco, Vinho branco doce

Aguardentes de vinho, passinha e figo

VINAGRES

ALFARROBAS

Amendoas, duras, molar, côca e miolo

AZEITES, CEREAS, LEGUMES, ETC.

Exportação em larga escala para o paiz e estrangeiro

Antonio Gravito Martins

FAZENDAS, MODAS E RETROZARIAS

Rua D. Francisco Gomes, 35 a 41

Rua Ivens, 2 e 4 - FÁRO

SEMPRE NOVIDADES

Explicações

Dão-se do curso dos licens e musica.

Avenida da Liberdade, 54-4.

ANUNCIAE NA

ALMA NOVA

1915



ALMA NOVA

(CAPA DE SAAVEDRA MACHADO)

□ □ **REVISTA MENSAL** □ □

□ **LITERATURA** □ **SCIENCIAS**

E □ **ARTES** □ □ □ □ □ □ □ □

□ □ **PROPAGANDA E TURISMO** □ □

□ □ **PREÇO 10 Ct.** ^{VOS} □ □

ALMA NOVA

Revista mensal de literatura, sciencias, artes, propaganda regional e turismo. — Recomendada pela Sociedade «PROPAGANDA DE PORTUGAL». — DIRECTORES: A. Bustorff, M. Moreno e Saavedra Machado.

Corpo redactorial: Em FARO, Bernardo de Passos, José Dias Sancho e Lyster Franco; Em LISBOA, A. Mendonça, José G. Murta, Mauricio Monteiro, José Rebelo, Sacadura Cabral, Samora Barros, Rita da Palma, Ascensão Contreiras e José Pavia de Magalhães. — Representantes e agentes em todo o Paiz e Extrangeiro. — Serviços de administração: Luiz Serpa e Bretts Pereira. — (Toda a correspondencia para a RUA DA PENHA DE FRANÇA, 12, 1.º — LISBOA).

Edição e gerencia de João Rico e M. Moreno — Propriedade da Sociedade «AMIGOS DO ALGARVE»

COLABORADORES

LITERARIOS

Dr. Agostinho Lucio, D. Ana de Castro Osório, Dr. Antonio Cabreira, Antonio Ferro, Dr. Braga Paixão, Dr. Candido Guerreiro, D. Colceição d'Eça de Mello, Dr. Carrasco Guerra, Carlos Pimentel, F. Carrvalho Mourão, Dr. Fidelino de Figueiredo, P. e Francisco Manuel Alves, Dr. Geraldino Briles, Gonçalo d'Oliveas (pseudonimo), J. Ferreira Nello, Dr. João Lucio, J. Paula Nogueira, José Parreira, Dr. Julio Danlas, Julião Quintinha, Laurinda Serytram (pseudonimo), D. Laurentina de Jesus, Lucio d'Azevedo, Luiz Chaves, Luiz Leitão, Manuel F. Estanco Louro, Mareos Algarve, Dr. Mario d'Arlagão, Mario Pacheco, Moreira Telles, Oldemiro Cesar, Pedro de Menezes, Pedro M. Judice, Dr. Rodrigues Davim, Seves d'Oliveira, Silva David, Thomaz Cabreira, Vaseo de Campos, etc.

ARTISTICOS

Pintores e Desenhadores

Martinho da Fonseca, Alberto Sousa, Eduardo Romero, Armando de Lucena, Alberto de Lacerda, Gilberto Renda, Falcão Trigo, Frederico Ayres, Lyster Franco, Adriano Costa, José Basalissa, D. Lanra Nogueira, D. Maria Pires Chaves, etc.

Escultores

Maximiano Alves e Raul Xavier

Arquitectos

José Urbano de Castro, Rebelo de Andrade e Edmundo Tavares

Desenhadores

Ruy Sedas Pacheco, Antonio Alves Pereira, Antonio M. d'Oliveira, Boaventura Passos, etc.

Ilustradores e Caricaturistas

Emerico Nunes, Cristiano Cruz, Hypolite Colomb, Stuart Carvalhaes, etc.

Compositores musicaes

Padua Franco, Rebelo Neves e Pavia de Magalhães

Reportagem fotografica no Algarve a cargo de Francisco Solesio Padinha e A. J. Teixeira

Toda a correspondencia é solicitada "por nós,"

ASSINATURA (Pagamento adiantado)

	Semestre	Ano
Portugal, Ilhas e Colonias.....	\$60	1\$20
Africa e India.....	—	1\$50
Brazil (m. fraca).....	—	6\$000 réis
Extrangeiro.....	—	7 francos

(Não se satisfazem os pedidos que não venham acompanhados da respectiva importancia)

SERVÍCIOS DE ADMINISTRAÇÃO: R. da Penha de França, 12, 1.º — LISBOA

Composição e impressão: CENTRO TIPOGRAFICO COLONIAL, Largo da Abegoaria, 27 e 28 — LISBOA